

RICARDO FERREIRA
ricardo.ferreira@oglobo.com.br

Dois contêineres entraram no Parque Lage, no Jardim Botânico, numa operação feita de madrugada. As peças, que pesam toneladas, eram parte de uma obra exibida na exposição "Aqui o mal ao menos de impostura prescinde", do artista visual David Cury, 59 anos, que ocupou as Cavalariças e a Capelinha do local durante três meses e recebeu cerca de 30 mil visitantes até o encerramento, no último domingo.

Desde 2002, ele conduziu na Escola de Artes Visuais do Parque a oficina Antiformas da Intervenção, curso que, diz a ementa, propõe "orientação prática para criação" e "análise de trabalhos de artistas", sempre relacionados à cena internacional. David é um símbolo da escola, embora não se entenda como professor, e foi figura fundamental na formação de diversos artistas, curadores, críticos e colecionadores ao longo das últimas duas décadas.

O pressuposto é o mesmo, há 21 anos: a arte contemporânea convida para um sentimento, não para um entendimento. O entendimento, se vier, só vem a longo prazo. E longo prazo significa convivência — diz David durante uma entrevista de mais de duas horas, vez ou outra interrompida por funcionários do Parque Lage que sempre fazem questão de cumprimentá-lo e, invariavelmente, recebem seus calorosos afagos. — A minha questão é entender a cabeça do artista que chega aqui. O artista chega cheio de falsos problemas que não são de arte. E aí eu falo pra levar pra terapia.

ROMPANTE AUTODIDATA

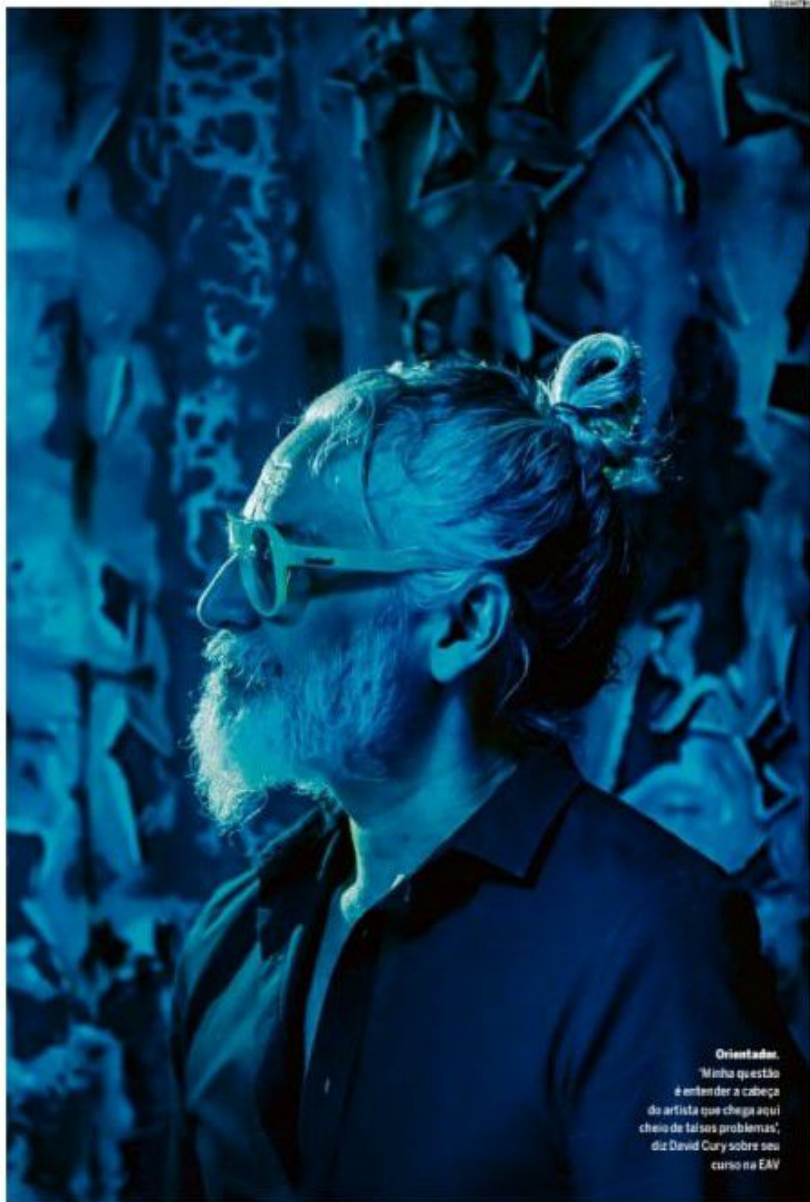
Natural de Teresina, no Piauí, ele é o nono de dez irmãos de uma família de imigrantes sírios. David se iniciou na pintura aos 11 anos, de maneira autodidata, quando, num rompante que nem ele sabe explicar, entrou numa papelaria e comprou telas, tintas e pincéis. Não havia artistas na família: o pai era engenheiro, a mãe, dona de casa.

Aos 13, foi selecionado para participar do Salão de Arte do Piauí, cuja curadoria era assinada por três dos mais importantes críticos de arte do Brasil — Frederico Morais, Francisco Bittencourt e Carlos Roberto Maciel Levy. David conta que, no coquetel de abertura, Morais o chamou num canto e disse que haviam lhe dado a menção honrosa do salão, e não o primeiro lugar, porque "prêmios estragam artistas". E o aconselhou a sair de Teresina. Ele acabou em Recife, onde, por estímulo do pai, cursou Arquitetura na Universidade Federal de Pernambuco.

— Eu não era feliz. Meus colegas eram muito ricos, vindos de uma elite açucareira, e eu era o primo pobre. Sofri muita segregação — conta David.

Uma vez formado, vem para o Rio em 1986. Aqui, trabalhou 17 anos como arquiteto, sem abandonar sua produção artística. David teve de encontrar seus espaços em meio ao boom de um movimento que nascera ali, no Parque Lage, abrigo da coletiva "Como vai você, geração 80?", que projetou nomes como Beatriz Milhazes, Luiz Zerbini, Leonilson e Leda Catunda.

— A Geração 80 tinha virado uma marca. Ouvia do Carlos Fiuza, um artista que andava infeliz como eu: "se



Orientador. 'Minha questão é entender a cabeça do artista que chega aqui cheio de falsos problemas', diz David Cury sobre seu curso na EAV

A OFICINA DA CONVIVÊNCIA

ARTISTA VISUAL DAVID CURY SEGUE SUA PRODUÇÃO ENQUANTO MANTÉM, HÁ MAIS DE 20 ANOS, CURSO BADALADO NA ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE, COM ALUNOS COMO A ATRIZ CAMILA MORGADO



você não é Geração 80, você não é nada". Era verdade. Os artistas que não foram contemplados por essa marca sofreram uma segregação absurda. Pensei, a partir dali, que precisava de um estímulo intelectual — relembra David, que buscou o estímulo em um mestrado em Artes Visuais na UFRJ e em uma pós-graduação em História da Arte e da Arquitetura no Brasil pela PUC-Rio.

AO MESTRE, COM CARINHO

Pelos pares que recebe em sua oficina — ele não gosta de chamá-los de "alunos" —, David é sempre descrito como alguém muito culto, algo que se confirma ao longo desta entrevista. Por vezes, ele a desvia para fazer observações conceituais, definindo terminologias e citando pensadores, de Shakespeare a Foucault.

— David é uma das pessoas mais inteligentes que eu conheço. Me ensinou a ver arte na mais completa profundidade — diz o artista e diretor de criação Carlos Mach.

Fundadora e diretora da ArtRio, Brenda Valansi levou para a sua experiência como empresária as lições absorvidas na oficina:

— O David teve um papel importante na minha trajetória pois trouxe o conceito como primordial na execução de uma obra de arte. Tudo havia de fazer sentido, e assimigo até hoje, não mais como artista visual, mas nos projetos, experiências e extensões da ArtRio.

Dividida em dois módulos, "Aqui o mal ao menos de impostura prescinde" propôs um olhar sobre "os anos recentes de abuso de poder, desmonte das instituições democráticas e republicanas e neofascismo necropolítico", segundo o artista, que sempre se dedicou às questões sociais e políticas. Um "incomformado", nas palavras da atriz Camila Morgado, sua aluna:

— Conheci David no Parque Lage no curso ministrado por ele, o qual faço até hoje. É um ser inquieto, questionador, com uma visão extremamente crítica e um grande pensador. Depois, conheci suas obras. Sou muito fã do seu trabalho, seu olhar pontual e sua cabeça eletrizante. Um artista incomformado com seu tempo e muito afetuoso com seus alunos.

Para o crítico e historiador da arte Sérgio Bruno Martins, David tem "um controle muito fino da espacialidade e da materialidade".

— Uma sala tinha uma estrutura espacial de escala ampla, embora viesse num ambiente sombrio. A outra sala era clara e luminosa, mas a articulação dos materiais parecia nos dar um colapso instantâneo. Era um jogo de oposições — define o crítico, que também foi aluno de David Cury.

Apesar dos obstáculos, David incluiu seu nome no mercado da arte no Brasil, chegando a expor na Bienal de São Paulo, em 2010, além de ter realizado importantes mostras em espaços como o Paço Imperial e o Museu de Arte Moderna do Rio. Também teve destaque em montagens no exterior, em lugares como Nova York, Paris, Londres e Bruxelas. Segue convicto de que o "artista é uma assimilação emocional" e vive em busca de "uma ideia poderosa".

— Eu preciso da potência da ideia — diz. — Se eu não tiver uma ideia forte, complexa, eu não tenho estímulo pra trabalhar.